

## O ENSINO DA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO NO CURSO DE PEDAGOGIA

Ivanilde Apoluceno de OLIVEIRA  
Universidade do Estado do Pará

**Resumo:** *Este texto apresenta algumas reflexões sobre o ensino da Filosofia da Educação no Curso de Pedagogia. O foco de debate é a reformulação curricular, cuja tendência generalista secundariza as disciplinas de fundamentos como a Filosofia da Educação em favor das disciplinas técnico-pedagógicas. Essa situação influencia negativamente na qualidade do ensino da Filosofia da Educação, interferindo também na formação do educador.*

### A crise do Curso de Pedagogia

Nos Cursos de Pedagogia, constata-se uma *crise* configurada pela possível perda de sua função em preparar pedagogicamente para a docência no nível médio, na educação infantil e nas primeiras séries do ensino fundamental. A formação de profissionais de educação para administração, supervisão, etc., tenderia, também, a desaparecer ao ser oferecida essa formação na pós-graduação ou em treinamento em serviço.

O que ocasiona essa situação de crise é a criação pela nova LDB (Artigos 62, 63 e 64), dos Institutos Superiores de Educação e do Curso Normal Superior, bem como o fato de ser a pós-graduação fixada como alternativa de formação dos profissionais de educação.

Além disso, as Diretrizes Curriculares direcionam o foco da formação do pedagogo para o *currículo* (uso das diretrizes curriculares como referência de qualidade), secundarizando tanto o *espaço* da formação (Universidade ou Institutos Superiores de Educação) como o *nome* do curso (Pedagogia ou Curso Normal Superior).

As diretrizes curriculares, então, são apresentadas como orientadoras da formação de docentes, isto é, como um “conjunto de princípios, fundamentos e procedimentos a serem observados na organização institucional e curricular de cada estabelecimento de ensino e aplicam-se a todas as etapas e modalidades da educação básica”<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Resolução CNE/CP1/2002 – Diretrizes Curriculares para a formação de professores da educação básica, pág. 01.

A referência curricular comum a todos os cursos de formação, através das diretrizes curriculares, é justificada pelo MEC, por fortalecer a «unidade nacional» (meio de integração), sem deixar de referir-se à flexibilidade como estratégia de autonomia das Instituições de Ensino. Entretanto, a autonomia, neste contexto, reduz-se à escolha ou seleção dos princípios, fundamentos e procedimentos previamente indicados pelas diretrizes curriculares.

O Curso de Pedagogia, então, constitui-se em um tema polêmico, estando no centro de debates dos educadores em diversos fóruns e entidades representativas da área da educação, como a ANFOPE, a ANPED, a Comissão de Especialistas de Ensino de Pedagogia, entre outros.

A posição dessas entidades é a de que a Universidade e o Curso de Pedagogia constitui o *locus* de formação de profissionais em educação, sendo a *docência* a base do curso.

A docência é considerada o elemento articulador entre os pedagogos e os licenciados das diversas áreas de conhecimentos específicos, além de conferir organicidade aos diferentes níveis do trabalho pedagógico (educação infantil, fundamental e médio, jovens e adultos, etc.) e às tarefas de organização e gestão dos espaços escolares, formulação de políticas educacionais, planejamento, etc. (SCHEIBE, 2000).

Nesta perspectiva, o pedagogo poderá atuar:

*na docência na educação infantil, nas séries iniciais do ensino fundamental e nas disciplinas de formação pedagógica do nível médio. E, ainda: na organização de sistemas, unidades, projetos e experiências educacionais escolares e não escolares; na produção e difusão do conhecimento científico e tecnológico do campo educacional; nas áreas emergentes do campo educacional (SCHEIBE, 2000, p.13).*

Assim, esses fóruns apresentam como amplas as possibilidades de atuação do pedagogo, por terem como base a docência, sendo tarefa dos projetos pedagógicos dos Cursos de Pedagogia a definição dos seus campos de atuação.

*O campo de atuação profissional dos licenciados em pedagogia não poderia, portanto, deixar de ser, privilegiadamente, o próprio magistério e as diversas especificidades que este*

*magistério enseja para a sua plena realização, seja na educação de adultos, no atendimento às necessidades especiais, na supervisão das atividades escolares, etc. Sua atuação, no entanto, também é desejável em atividades não escolares, onde o domínio profissional do ato educativo intencional se fizer necessário. Esta atuação tem como fonte de formação as mesmas bases presentes na formação do pedagogo escolar (SAVIANI apud SCHEIBE, 2000, p.16).*

Neste sentido, as modalidades de ensino, como a educação de jovens e adultos e a educação especial assim como as instituições comunitárias, são consideradas campos de formação e de atuação do pedagogo.

### **A Reformulação Curricular e o Ensino da Filosofia da Educação**

Em função dessa situação de crise, os Cursos de Pedagogia vêm sendo modificados, e os novos projetos pedagógicos vêm se apresentando em uma estrutura generalista, eliminando-se as habilitações (Supervisão, Administração e Orientação Educacional).

A tendência de formação generalista apresentada nos Cursos de Pedagogia tem se constituído, na prática, em uma estrutura curricular fragmentada, estando as disciplinas distribuídas de forma representativa por cada campo de atuação do pedagogo. Assim, representando cada setor de atuação do pedagogo, uma ou duas disciplinas são incluídas no currículo: sobre gestão, planejamento, avaliação, educação especial, educação de jovens e adultos, etc.

A preocupação não é com os fins da educação, e sim com a seleção das disciplinas consideradas significativas para formar tecnicamente o professor para atuar nas diversas áreas profissionais da Pedagogia.

Nesta rede de disciplinas, o caráter técnico predomina. As disciplinas de fundamentos, como a Introdução à Filosofia, Introdução à Sociologia e Introdução à Psicologia, tradicionalmente consideradas disciplinas bases da Pedagogia, não estão sendo incluídas no currículo. Com isso, por exemplo, cabe à disciplina Filosofia da Educação a responsabilidade de trabalhar com o conteúdo da Introdução à Filosofia.

Acrescenta-se o fato de que a Filosofia da Educação, que geralmente era oferecida no segundo e/ou terceiro anos, com essa nova situação, passou a ser ofertada no primeiro ano.

Alguns cursos ainda ofertam a Filosofia da Educação I e II, mas outros apenas a disciplina Filosofia da Educação.

Os docentes então que atuam com a Filosofia da Educação, vêm enfrentando algumas dificuldades ao receber o aluno, no primeiro ano, sem as bases filosóficas da Introdução à Filosofia:

- 1) Não conseguem trabalhar de forma aprofundada nem o conteúdo da Introdução à Filosofia nem o da Filosofia da Educação;
- 2) Ou se detém mais no conteúdo introdutório da filosofia ou se detém mais na educação;
- 3) Não concluem o programa estabelecido. A tendência é de redução do conteúdo programático, em função das dificuldades dos alunos em aprofundar as leituras filosóficas sobre a educação.

Alguns professores dividem o conteúdo da disciplina em duas partes: a primeira com conteúdo da Introdução ou História da Filosofia e a segunda parte com a Filosofia da Educação. Outros, procuram articular os conteúdos filosóficos e os educacionais a partir de eixos temáticos, debatendo após o estudo filosófico sobre o tema as questões educacionais.

A meu ver, essa articulação é fundamental para a Filosofia da Educação, mas o problema que se esbarra no ensino desta disciplina é a redução da carga horária para aprofundamento das leituras filosóficas necessárias à análise crítica sobre a educação, com a retirada do currículo da disciplina introdutória de filosofia. A carga horária da Introdução à Filosofia não foi deslocada para a Filosofia da Educação.

Com essa situação, o ensino da Filosofia da Educação não tem dado conta de trabalhar o referencial filosófico necessário para instrumentalização da leitura e análise da educação. Os docentes têm de priorizar o estudo da filosofia para alguns eixos de reflexão: o histórico ou o epistemológico ou o antropológico ou o ético, etc.

Desta forma, não conseguem ampliar o debate sobre algumas questões filosóficas fundamentais para a educação como é o caso da lógica, da ideologia e da ética, por exemplo. Não conseguem, também, desenvolver a pesquisa de campo e a pesquisa bibliográfica fica comprometida. Apesar das leituras indicadas, os alunos encontram dificuldades na compreensão e no debate dos textos filosóficos em classe.

OLIVEIRA explica que:

*Se “todos são filósofos” como afirma Gramsci, e se homens e mulheres procuram refletir sobre os problemas que a realidade apresenta, o que leva os educadores e os educandos, enquanto*

*filósofos da educação, a filosofarem são os problemas que encontram a realizarem a ação educativa. Estas questões de ordem pedagógica revertem-se em interrogações de caráter filosófico por buscarem a razão de ser do fenômeno educativo e de sua práxis educativa apresentando implicitamente questões e explicações sobre a natureza do ser humano e do mundo. Subjacente a uma concepção de educação e a uma prática pedagógica está presente uma teoria sobre o ser humano e sua relação com o mundo. É importante desta forma que o educador, enquanto filósofo da educação, reflita sobre a problemática educacional na busca de um significado existencial e político para a sua prática educativa (2003, p. 41).*

Essa tarefa da Filosofia da Educação de possibilitar ao discente a análise dos discursos educacionais, a problematização ética e política das práticas educacionais, vem sendo obstaculizada por essa fragmentação curricular.

Os discentes têm dificuldade em analisar os problemas educacionais por falta de embasamento teórico, porque se encontram, ainda, na fase de apropriação dos conceitos filosóficos, tentando compreender e assimilar o que é a própria filosofia, sua finalidade, especificidade, etc.

LUCKESI faz refletir sobre a necessidade da filosofia para a prática educativa:

*Cabe ao educador questionar permanentemente sobre o objetivo do seu trabalho, sobre os sujeitos de sua prática, sobre o sentido dos procedimentos que utiliza, sobre o que é conhecimento, sobre efetividade, sobre métodos, sobre os conteúdos que veicula, e tantos outros objetos que estão comprometidos com sua prática. Os objetos de meditação filosófica para o educador não estão distantes de suas condutas; não são objetos abstratos. Ao contrário, são os fenômenos, acontecimentos e fatos que estão imediatamente juntos de si, diretamente articulados com a materialidade de sua ação. A filosofia e o exercício do filosofar têm conseqüências diretas e imediatas para a nossa prática educativa, na medida em que atuam buscando e produzindo fundamentos que dêem direção ao nosso agir. Aliás, como tudo o mais na vida humana, também na prática educativa não se age sem filosofia (1990, p. 43).*

O ensino da Filosofia da Educação requer não apenas estudos sobre a história da filosofia, das concepções de mundo produzidas historicamente; mas também, a reflexão sobre os problemas vivenciados pelos indivíduos na sociedade e na educação. «Na relação dialética entre a compreensão do produzido historicamente e o refletido no contexto educacional atual é que o educador busca sentido e direciona sua prática educativa» (OLIVEIRA, 2003, p. 41).

É justamente esse tempo de reflexão filosófica sobre a história e o vivenciado no cotidiano pelos alunos que está sendo obstaculizado no ensino atual da Filosofia da Educação.

Além disso, o tempo necessário de apreensão dos conceitos estão sendo encurtados ao serem alguns Cursos de Pedagogia deslocados da oferta anual para a semestral. Intensifica-se o número de aulas semanais, mas não há tempo para leitura e reflexão do lido.

Acrescenta-se o fato de que a fragmentação nas outras disciplinas de fundamentos, como a sociologia e a psicologia, auxiliam a agravar o quadro de formação do educador. Há uma ausência no vocabulário dos discentes dos conceitos básicos destas disciplinas.

Desta forma, a secundarização das disciplinas de fundamentos em relação às técnicas vem agravando a crise do curso e refletindo de forma preocupante na qualidade da formação dos pedagogos. A formação generalista que deveria possibilitar ao aluno de Pedagogia uma visão mais ampla da educação, ao ser adotada numa perspectiva tecnicista, pulveriza o conhecimento, fragmenta o olhar e impede a reflexão crítica.

### **Formação Generalista Crítica x a Tecnicista**

Ao meu ver a questão não está na construção do Currículo Generalista e sim na tendência tecnicista que o Curso de Pedagogia está mais uma vez incorporando em seu currículo.

Essa ausência do debate filosófico no Curso de Pedagogia se apresenta inclusive na formação do seu currículo. A escolha das disciplinas técnico-pedagógicas em detrimento das disciplinas de fundamentos está pautada em que concepção de ser humano? Questão antropológica filosófica necessária a qualquer projeto político-pedagógico.

Essa tendência tecnicista é uma opção dos educadores ou é reprodução de um modelo que está sendo imposto por políticas oficiais?

A preocupação é com as conseqüências na formação do educador. A nossa experiência, nos anos 60 a 70, de formação tecnicista no Curso de Pedagogia foi amplamente discutida e refutada pelos educadores pelo seu caráter reprodutivista e não crítico.

“Será que a adoção de uma determinada metodologia não implica em conhecimento de psicologia e filosofia da educação? Será que o método deixou de ser um meio para tornar-se um fim em si mesmo?” (SILVA, 1979, p. 18). Essas entre outras questões eram problematizadas pelos educadores, chamando a atenção para a importância das disciplinas de fundamentos na formação do educador.

Diferentemente do que está ocorrendo, consideramos que a ampliação da atuação do Pedagogo requer um currículo com maior fundamentação filosófica no âmbito da antropologia, da epistemologia, da lógica e da ética.

Ao nosso ver, as disciplinas de fundamentos é que possibilitam uma visão ampla do processo educacional, articulando as diferentes ações dos profissionais da educação, as políticas e as práticas educativas.

Assim, a construção de um currículo generalista que articule a formação geral e a específica pode ser implementada no Curso de Pedagogia, mas o importante é a sua abordagem crítica, sendo a Filosofia um dos eixos de construção dessa criticidade.

*Uma educação de perguntas é a única educação criativa e apta a estimular a capacidade humana de assombrar-se, de responder a seu assombro e resolver seus verdadeiros problemas essenciais, existenciais. É o próprio conhecimento (FREIRE & FAUNDEZ, 1985, p. 52).*

*A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura do esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haverá criticidade sem a curiosidade que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando algo a ele que fazemos (FREIRE, 1997, p. 35).*

A filosofia, além da base de compreensão da práxis educacional, tem que se constituir em ferramenta para leitura dos textos em educação e essa tarefa exige um tempo para que o aluno se aproprie dos conceitos,

leia e reflita sobre as diferentes visões de mundo expressas pelos filósofos. Esse tempo de aprendizagem da filosofia da educação é que precisa ser repensada na formação do pedagogo.

O exercício de pensar o tempo, de pensar a técnica, de pensar o conhecimento enquanto se conhece, de pensar o quê das coisas, o para quê, o como, o em favor de quê, de quem, o contra quê, o contra quem, são exigências fundamentais de uma educação democrática à altura dos desafios do nosso tempo (FREIRE, 2000, p. 102).

Para isso, o próprio ensino da Filosofia da Educação precisa ser discutido nos Cursos de Pedagogia e nos Fóruns de debate sobre o tema.

A disciplina Filosofia da Educação está presente na crise do Curso de Pedagogia e precisa ser discutida como tal. É um debate que envolve a reflexão sobre a política nacional de educação e a formação do Pedagogo, pautada em questões filosóficas, tais como: Que pedagogos queremos formar? Que sociedade precisamos construir? Esse é um debate que os professores de Filosofia da Educação não podem deixar de enfrentar.

### **Considerações Finais**

A crise do Curso de Pedagogia em termos de definição da formação do pedagogo e seu campo de atuação profissional vem impulsionando reformulações curriculares de tendência generalista.

Mas a superação das habilitações tem se dimensionado por um caráter tecnicista ao serem privilegiadas as disciplinas técnico-pedagógicas em detrimento das disciplinas de fundamentos, o que tem influenciado de forma negativa no ensino da filosofia da educação e na formação do educador.

A crise no Curso de Pedagogia se constitui, também, na crise do ensino da Filosofia da Educação. Isto significa que a criticidade necessária à formação do educador trabalhada pela Filosofia da Educação não está sendo reconhecida pelos educadores. Neste sentido, ela não está conseguindo, na prática, evidenciar a sua relevância na formação do educador.

Além disso, o debate sobre a redução das disciplinas filosóficas introdutórias não pode ser considerado como uma questão de corporativismo, e sim como necessária à própria compreensão de educação, na medida em que a práxis educativa tem subjacente uma visão filosófica de ser humano e de mundo.

Assim, os professores de Filosofia da Educação precisam discutir no Curso de Pedagogia não só a relevância das disciplinas filosóficas, mas sobretudo o seu próprio ensino, se está cumprindo a tarefa de possibilitar aos educadores, em sua formação, a reflexão crítica sobre os problemas educacionais.

## BIBLIOGRAFIA

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica*. Resolução CNE/CP1/2002. Brasília: MEC, 2002.

PIRERE, Paulo. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

\_\_\_\_\_. & FAUNDEZ, Antonio. *Por uma pedagogia da pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

LUCKESI, Cipriano. Filosofia, exercício do filosofar e prática educativa. *Em aberto*. IX (45), Brasília: INEP, Jan/Mar, 1990.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno. *Filosofia da Educação: reflexões e debates*. 1ª ed. Belém: UNAMA, 2003.

SCHIBBE, Leda. Formação e identidade do pedagogo no Brasil. In: *Ensinar e aprender: sujeitos, saberes e pesquisa*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SILVA, Ezequiel Theodoro. *Os (Des)caminhos da escola: traumatismo educacionais*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.